

PRELAZIA DE LÁBREA

Lábrea - Rio Purus - Amazonas

BRASIL

CEDI - P. I. B.
DATA 21 11 / 86
JUN 03

Visita aos Juna

Em 1980 nos dias 15 e 16 de agosto o Sr. Luiz, Zé Chagas e eu fizemos uma visita aos índios Juna no lugar de Joari, afluente do rio Içá que é por sua vez afluente do rio Içá. Queríamos sentir mais de perto o problema desta pequena comunidade indígena, dizimada em 64 por um pessoal contratado por seringueiros de Camutanga para liquidá-los. Viajamos 100 km de carro na Transamazônica BR 230 de Lábrea até a balza do rio Içá. De lá descemos o rio 1 hora e meia de canoa até a fazenda do Sr. Pedro Leite, morador de Porto Velho e dono da área onde moram os Juna. Até o campo do Superior, onde se situa a grande maloca, são 5 horas, atravessando terra firme com muitas estradas de seringueiras e castanheiras. Encontramos os índios 5 horas de viagem numa nova maloca, ao lado de um pequeno igarapé de areia branca.

Os Juna são desconfiados

Os índios conheciam o Sr. Chagas, filho do sítio dono desta área. Mesmo assim ficaram desconfiados quando nos encontramos. Já era tarde e pedimos pouso. O tuxana levou tempo até aceitar nossa visita. Na fim acataram-nos até a maloca. Mandaram uma criança e uma mãe que o receberam, mas não aceitaram nossa comida, mesmo nós comendo para provar se era coisa boa. Prepararam em abundância peixe frito e cozinhou a vontade sem leite. Nós só comemos. Não havia uma mulher deu para cada um de nós umas bananas verdes para comer.

Como são os índios

Os índios Juna são altos e claros. Só as mulheres tem saliências zigomáticas e olhos salientes. Trazem o cabelo em forma de rabo de cavalo. Não furem nem o lóbulo auricular nem o nariz. Na coxa e no tornozelo usam braceletes de algodão pintados de amarelo e vermelho. Guardam as crianças numa faixa larga de madeira que as crianças ficam sentadas na ^{quadril} mão. O resto é pintado de jenipapo por um traço largo que afina com a boca, e outro transversal até os olhos. O queixo é ornamentado com desenhos de arambocas. Os cabelos axilares e pubéres são bem desenvolvidos. Andam completamente nus.

Os homens tem rosto redondo e olhos grandes e salientes. Trazem o cabelo curto sobre a testa. No lóbulo auricular trazem um par de brincos de serpentinas de duas cores. A tatuagem é feita por três traços unidos na parte superior da maçã, correndo para a boca e arredondado. O velho tuxana enfeitava-se com uma corrente de dente de onça no pescoço. Ele usava um bracelete, feito de uma fibra de algodão. Como vestimenta usava um colar de 50 pedras de vidro, usadas em vários feixes.

O porta-espina é feito de uma folha em forma de um tubo, amarrado com fios de algodão em todos os pontos. Não a parte da cláuda está livre, e parece que está amarrada. O espina é usado para suportar o tubo do porta-espina. O tubo do porta-espina é usado para suportar o tubo do porta-espina.

Maloca andara nós, na fazenda vestem roupa

Os índios tem roupa, mas não a lavam. Um deles pediu minha camiseta vermelha. Antes de entregá-la, dei uma demonstração de como se lava roupa. No outro dia, quando voltamos, um grupo nos acompanhou nós. Quando entramos no varadouro dos castanheiros, mandaram parar. Tiraram a roupa dos xaxais e se vestiram. O tuxana enfiou-se num calção do tipo americano de pernas largas e passou uma camisa comprida por cima das rodinhas. Usava um boné velho e andava de botas de borracha. Os outros tinham calças compridas, a mulher uma saia comprida e calcinha. Toda a roupa estava suja.

A construção da maloca

A maloca é grande e bonita. O diâmetro é de 14 metros, a altura de uns 7 metros. A maloca é elíptica, como um casco de barco ^{invertido} ~~virado~~. A estrutura é apoiada por três fortes travessas com dois postes grossos como suportes que também servem de partição das celas familiares e para atar as redes. O arco da cumieira estende-se acima de esteios sobrepostos nas travessas, ao passo que os dois arcos laterais estendem-se diretamente nos cantos das travessas. O teto é feito de folhas de palmeiras, justapostas de baixo para cima, ficando na altura de 2 metros por cima do chão. Ao redor da maloca encontram-se as casinhas dos pássaros, sendo elas feitas por uma estaca com um chapéuzinho tipo cesto e com varinhas para o pouso.

Dentro da maloca há duas repartições com três fogos. Dois fogos estavam acesos. Um lado é ocupado pelo tuxana, sua mulher, as duas filhas e o velho tuxana, e o outro lado por um casal, outro homem e uma velha. Cestos e xaxais, arco e flecha são de fabricação indígena, panelas, ferramentas, lanternas, roupa como a maior parte das redes são madeiras do Brasil.

Encontramos tres acampamentos entre o igarapé Joari e a sede da fazenda, feitos de dois tapizinhos e uma porção de casinhas para os pássaros.

Os Jura gostam de animais

Quando chegamos na maloca, vimos um cachorro deitado na rede do velho tuxana lambendo seu resto. Lá seguida as mulheres tomavam-no no colo ou o deitavam na rede, fazendo-o receber e rinho. Criam um galo como um pássaro, devendo ele ficar mais ou menos comida da mão. À tarde parece ser um ritual do jeito como cuidam dos pássaros. Os varas compridas com pontas em forma de forquilha pegam os pássaros e levam-os para suas casinhas. Tem papagaios, araras e uma multidão de piquitos. A primeira tarefa amanhã era dar castanhas e folhas de banana aos bichinhos.

Na viagem carregam os bichinhos até o tapizinho, onde há ten as instalações. Nestes tapiri usam cachos para atar redes, feitos de cordel de algodão e um pauzão atravessado no lago para segurar o pulo da rede.

PRELAZIA DE LÁBREA

Lábrea - Rio Purus - Amazonas

BRASILOs sobreviventes

Nesta maloca vivem 9 Juna. O velho tuxana, muito alto que (como diz o novo ribeirinho) comandava os ataques contra os brancos no Trufari, mandando cortar a cabeça de muita gente do Inuin. O velho está cego. Chegou para passar a mão por cima dos olhos. Usa uma corrente de dentes de onça no pescoço. Ficou quase sempre deitado na rede. A netinha gostava de brincar com o vovô que cantava para ela. Era tuxana geral das malocas do Trufari, onde a turma de Canutana contratara o Chico Preto de Porto Velho para liquidá-los, noite fazendo fogo no querozenc espalhado ao redor da maloca e fazendo queimar os índios em pânico. O novo tuxana é filho dele, talvez de uns 35-40 anos. É alto, forte, comanda o grupo. Trazia os peixes, enrolava-os em folhas e amarrava-os com cipó, fechando em pacote. Trazia lenha comprida e levava até o fogo. A mulher moqueava os peixes e levava do fogo. (A fogueira consiste em paus grossos para manter a brasa e em lenha mais fina e comprida para avivar o fogo). Usava um abano. Os peixes são postos num giral de dois metros de altura por cima da fogueira. Depois do banho comunitário, o tuxana vai deitar-se na rede de envira.

A mulher dele cuidava da nenê, carregando-a numa faixa larga. Encarregava-se da comida e do cuidado dos pássaros. De vez em quando tirava um pacote do giral, e virava-o para tirar o caldo de peixe. Ela é bem mais baixa e parece com uma chinesa. Falava muito, vinha pedir a lanterna e sorria (nossa lanterna tinha um foque mais forte que a dela). Trazia a rede vermelha de casal de Frei São Luiz e ficou gostando. Explicou por gestos que era larga e serviria para ela e o marido. In fim os dois vieram pedir a rede, e o São Luiz a deu de presente, trocando-a por uma flecha.

A menina mais velha deve ter uns 3 ou 4 anos. Teve medo de nós, e só sorria quando brincávamos de longe. Em geral ficou com o vovô, escutando histórias e contos.

A mais nova deve ter uns 6 meses.

Na outra repartição familiar tem dois fogos. Um estava aceso. Ali mora um homem de uns 40 anos pra cima, casado com a mulher Ité, mais ou menos 40 anos. O casal não tem filhos. Ela sempre ia no fogo de tuxana tirar caldo de peixe. O homem sofre de dor de cabeça, dando às vezes passar a mão no lugar doído. Tem um corte fundo no pé, e arrasta a perna. A velhinha só saía da rede para cuidar dos pássaros. Provavelmente está sofrendo alguma coisa, pois mandava passar a mão em todo corpo. É cega num olho.

Mais um homem de 40 anos pra cima mora ali, e não deu para avulhar seu parentesco. Tem o terceiro fogo ferver dele.

Não há outros que as duas famílias de tuxana não sorriam dele, mas de um carregado do Inuin do Surrier, que ^{foi} ~~foi~~ despedido. Todavia não se vê traços físicos diferentes nos crianças.

PRELAZIA DE LÁBREA

Lábrea - Rio Purus - Amazonas

BRASIL

Na sua cruzar por estrada e curros

Faz umas semanas que corre a notícia que os índios andam na estrada. Quando chegaram na região, os índios já tinham voltado, porém tinham avisado que dentro de cinco dias estariam de volta. De fato, um grupo de tres homens e uma mulher nos acompanharam até a sede da fazenda. O administrador, receioso que tivesse que dar novamente açúcar, aceitou nossa proposta de vender um pouco para lhes dar de presente. Na hora do embarque sentaram-se na canoa e não teve jeito de deixá-los na fazenda. O tuzuma deu sinais de autoridade e a turma tocou para frente. Durante uma hora desabou chuva fria, nublou o tempo. Passamos frio, mas os índios eram os mais animados, mostrando para os lugares que queriam ir. Na balsa encontrava-se muita gente, esperando pelo jogo de futebol. Os índios, crianças e estranhos, foram olhados como coisa rara, meio bicho, meio gente, principalmente porque não ligavam para o sexo. Quando descobriram o carro, deram vivas querendo viajar, fazendo sinais que queriam até desair no carro. Outros carros que chegaram foram examinados por eles. Não sabemos se voltaram pelo caminho ou não (que eles exigem com autoridade). Aproveitamos uma oportunidade para "fugir".

A fazenda e a transferêcia da cidade de Camutanga para o Içá

A fazenda parece incluir toda área dos índios. É de propriedade do Sr. João Leite, pai de João Velho. A sede está movimentada por um grupo de peões que desbravam para o plantio de seringueiras. As seringueiras nativas como também os castanhais são explorados. Na sede há um amarelo, onde naturalmente se vende cachaça.

Os índios não aceitam comida dos brancos a não ser bolacha e açúcar. Uma vez foram pedir remédio por causa da gripe.

Existe um projeto do governo federal para transferir a cidade de Camutanga para a Transamazônica, bem no lugar da balsa. Os pequenos agricultores já receberam aviso de transferência. Quando chegamos a balsa, o prefeito de Camutanga estava por lá, dizendo que o projeto estava aprovado. Naquela noite ele ia fazer uma festa para o povo.

Há muitos moradores ao longo do rio Içá e ao longo da Transamazônica, os maiores sendo os peões do fazendeiro com projetos de seringueiras e agropecuária.

Exatidão de outras cruas de índios duma

Faz pouco tempo, índios não apareceram em Camutanga pedindo comida. O Sr. Arnaldo de Camutanga esperou por eles, mas não conseguiu encontrá-los. Falta-se de vestígios entre o afloramento Jacaré da Balsa e o afloramento Içá dos Índios de Uruçuí. Provavelmente os índios foram para as aldeias perto dos projetos do Chico Preto. Havia muitas aldeias no Içá e no Uruçuí, na região de Uruçuí e Uruçuí.

O que fazer

Alguma coisa deve ser feita por estes índios. Eles não têm nada de fazer e estão sofrendo, mas não sabem o que fazer. O problema é que eles não sabem o que fazer e não têm nada de fazer. O problema é que eles não sabem o que fazer e não têm nada de fazer. O problema é que eles não sabem o que fazer e não têm nada de fazer.

PRELAZIA DE LÁBREA

Lábrea - Rio Purus - Amazonas

BRASIL

Trancuntes sentem-se incomodados pelos índios

Já várias vezes os índios tentaram levar meninas para a maloca. Uma vez, à noite, barraram a Combi do Sr. Rivelino, que faz linha entre Lábrea e Manaus. À força pegaram a filha de uma dona, decididos a levá-la. Os passageiros apavorados tiveram que afastar os índios "brabos" igualmente à força para impedir que fosse levada. Outra vez entraram numa casa e pegaram a filha mais nova de um morador da balsa do Rio. Também neste caso só conseguiram segurá-la, usando força.

Leva cachaca e acaba com os índios

O Sr. Rivelino depôs que um pessoal de Lábrea lhe aconselhou que levasse cachaca para acabar com eles, pois esses selvagens trariam insegurança para a Trufaria zônica. O povo ribeirinho da balsa também sabe, que cachaca acaba com eles, e de ficar neste pé, não tardarão em por o conselho em prática.

Moradores de Lábrea tem medo de serem reconhecidos pelos Juma

Corre o boato que uns moradores de Lábrea teriam medo dos índios, pois estavam envolvidos na queima das malocas no Trufari, Itaparaná e Paraná-Pixuna, principalmente entre 1960 e 1965. A maloca no igarapé da Onça foi atacada e queimada no verão de 1964. Os sobreviventes tem idade suficientes para reconhecer os assassinos e se vingar.

Ação imediata é necessária

Não resta dúvida, que os Juma não poderão esperar coisa boa do povo amedontrado. Por isso, o levantamento na área do Mucum é de suma urgência. Caso não se achar parentes, deveria discutir-se o problema de "transferência" para uma área garantida, onde houvesse outros índios. Pois o problema dos índios Juma é numérico e não terão a mínima chance de sobreviver, mesmo com uma área garantida e longe dos brancos.

10 anos o Summer entre os Juma no Joarí

Quando o Sr. Arnaldo iniciou os trabalhos entre os Juma, havia ainda muitas malocas no Trufarí. Assistiu o massacre dos Índios de perto, denunciando o fato ao antigo S.P.I. No entanto não teriam dado bola. Depois da chacina procurou em toda a extensão do rio Mucuím atrás de sobreviventes, até encontrar este pequeno grupo na cabeceira do Trufarí que conseguiu atrair para o igarapé Joarí, longe de perseguições, onde se propôs a dar assistência. Mandou construir um campo de pouso, formou um grande pomar e medicou os índios doentes. Os Juma, por sua vez, abriram um roçado grande e construíram sua maloca perto do campo.

Os Juma não queriam mais filhos

Durante muitos anos os Juma, apesar de um convívio sexual normal, não queriam mais filhos. O Sr. Arnaldo também suspeita que as duas meninas não sejam deles mas sim de um dos empregados do Summer.

O fato dos índios pegarem as filhas dos moradores da balsa, não estranhou ao Sr. Arnaldo, pois quando levou mulher e filha para a maloca, não podia dar confiança aos poucos homens que tentavam "tomar as mulheres brancas".

Os Juma choram quando lembram do massacre

O Sr. Arnaldo, que muito bem domina a língua dos índios do grupo linguístico tupi, nada conseguiu pesquisar a respeito da história dos índios. A lembrança das mortes é tão viva que não conseguem falar. Começam a chorar. Também não se interessariam por parentes perdidos na selva, apesar de que conheciam bem toda a área. "Queriam a paz, e a encontraram no Joarí".

subsistência dos índios garantida

Os meios de subsistência são agricultura e caça. Perto do campo existe um grande pomar, e eles plantam milho e macaxeira em abundância.

Summer fez pedido de demarcação, Funai não atende

Diz o Sr. Arnaldo que a Funai está sciente da problemática de terra, duas vezes já foram ver a situação, mas não resolveram nada. A terra "pertencia" ao Sr. Francisco Chagas que pouco tempo atrás a vendeu a um paranaense de nome Pedro Leite. Nem o Summer nem a Funai estavam sabendo desta trama.

Os Juma ainda não estão vacinados

Uma vez uma equipe médica da Funai desceu por pedido do Summer para vacinar os índios, mas não os encontraram. E ficou nisto. Solicitei que o Summer na próxima visita fizesse as vacinações com máxima urgência, sem esperar pela Funai, devido a situação geral em que os índios se encontram. Na próxima visita, o Summer, então, iria começar com as vacinas.

O Summer concorda com a transferência dos Juma

Caso não achar índios parentes dos Juma nos próximos anos, poderia-se transferir os índios para uma área do grupo linguístico tupi, a não ser que os índios não o queiram. Pois do jeito como andam as coisas, não há a mínima chance de sobrevivência.

Lábrea, 22-08-80

Gunter Kroemer